

2º Fórum Nacional de Museus

O futuro se constrói hoje

Ouro Preto

22 a 26 de agosto de 2006

 2006 ano
nacional dos
MUSEUS



GRUPO DE TRABALHO “ Museus Comunitários e Ecomuseus”

COORDENADORES

Antônio Carlos Pinto Vieira (Museu da Maré - Rio de Janeiro)
Odalice Miranda Priosti (ABREMC – Assoc. Brasileira de
Ecomuseus e Museus Comunitários e Ecomuseu Comunitário de Santa
Cruz- Rio de Janeiro)

RELATOR(es) : Yara Mattos (UFOP/ Ecomuseu da Serra de Ouro Preto- MG)
Clara Manuela Ramos (Universitária – Turismo – BA)

PROGRAMAÇÃO

22/08 - 14 às 17 h - 1ª. REUNIÃO DO GT
23/08 - 14 às 17 h - 2ª. REUNIÃO DO GT
25/08 - 14 às 17 h - 3ª. REUNIÃO DO GT
26/08 – 9 h 30 - PLENÁRIA – Apresentação de relatórios

2º Fórum Nacional de Museus

O futuro se constrói hoje

Ouro Preto

22 a 26 de agosto de 2006

 2006 ano
nacional dos
MUSEUS



AGENDA DE TRABALHOS

1ª. REUNIÃO – 22/08/2006

Apresentação dos Coordenadores e demais participantes do GT
Objetivos do GT
Roda de Lembranças/ Roda de Afetos – O que vim fazer em Ouro Preto?

(20 participantes)

Sensibilização : Roda de Afetos
Encerramento da dinâmica

DEBATE SOBRE A TRAMA PRODUZIDA em torno das
palavras /expressões citadas na Roda de Afetos

“ O que é museu comunitário / ecomuseu? “

O QUE É NECESSÁRIO PARA A IMPLANTAÇÃO DE
REDES TEMÁTICAS DE MUSEUS?

Leitura do texto de H. de Varine(Quarteirão 67)para a 2ª.
Reunião

2º Fórum Nacional de Museus

O futuro se constrói hoje

Ouro Preto

22 a 26 de agosto de 2006

 2006 ano
nacional dos
MUSEUS



AGENDA DE TRABALHOS

2ª. REUNIÃO – 23/08/2006

1. Nossos museus e a Função Social, a partir das experiências de cada um e da reflexão sobre fragmentos do texto “ O museu comunitário é herético? “ , de Hugues de Varine, 2005.

Fonte: www.interactions-online.com
Jornal Quarteirão no.67 – maio/junho 2006

PATRIMÔNIO:

“Para o museu comunitário (ou ecomuseu ou ainda o museu territorial, na medida em que eles sejam realmente comunitários), trata-se do patrimônio reconhecido como tal pela comunidade e por seus membros. É o capital cultural coletivo da comunidade, ele é vivo, evolutivo, em permanente criação. Os responsáveis do museu utilizarão esse capital para atividades inscritas na dimensão cultural do desenvolvimento do território e da comunidade. A conservação é uma responsabilidade e uma tarefa coletiva da comunidade, os profissionais do museu sendo essencialmente apoio técnico e científico.”

COLEÇÃO:

“Mesmo que muitos museus comunitários, ecomuseus ou outros acabaram por possuir coleções de objetos e documentos, ou ainda edifícios de interesse histórico, antropológico ou técnico, essa apropriação não foi nunca o objetivo primordial e eles a aceitaram como parte do processo, estando a aquisição ligada à necessidade, à oportunidade, à oferta de membros da comunidade.

Mas, no museu comunitário, o objeto, o local, o monumento, o documento devem tanto quanto possível ter vida própria, o que significa implicitamente que sua entrada numa coleção no sentido da museologia oficial acaba por fazê-los morrer, fazendo-os congelar para sempre, subtraídos dos riscos da vida.”

O TERRITÓRIO E A COMUNIDADE:

*“O museu comunitário, ou o ecomuseu, ou o museu de território procede de outra forma : para ser representativo, sem entretanto repousar sobre uma coleção, ele deve emanar do território e de sua população. Seu trabalho se faz em pleno dia, associando a cada instante tal e tal elemento do patrimônio, tal e tal habitante ou grupo de habitantes : é o que chamo de **processo** ecomuseal , que é essencialmente cooperativo. A composição do público das exposições importa pouco, pois a atividade pública do museu corresponde à totalidade e à globalidade do seu processo. Poderá haver públicos identificáveis, grupos escolares ou turistas por exemplo, mas eles serão apenas um produto derivado da atividade principal, pois tal museu não tem visitantes , mas habitantes”.*

O PESSOAL:

“ É indispensável deter um diploma superior em museologia para criar, animar, dirigir um museu? Sim, sem dúvida, para os museus tradicionais, sobretudo quando os regulamentos nacionais ou locais o impõem. Assinale-se, porém, que a instituição museal nasceu bem antes da disciplina especializada chamada museologia e também que, ainda atualmente, o que G H Rivière chamava a disciplina de base, predomina frequentemente no curriculum vitae de um responsável de museu.”

A FORMAÇÃO:

“De qualquer maneira, atualmente, não creio que exista no mundo uma só formação universitária dedicada à museologia comunitária, permitindo a membros das comunidades locais de adquirir um reconhecimento oficial de sua qualificação. Os museus comunitários mexicanos lançaram há quatro anos seminários profissionais para as Américas.”

“Um número crescente de formações universitárias, reconhecendo a vertente portadora da nova museologia, introduzem seqüências ou intervenções sobre esse assunto, para uma boa informação dos estudantes ; existe mesmo uma formação em « museologia social » em Lisboa.”

*“Mas isso não basta. Com efeito, é necessário criar um programa de formação completo, adaptado, falando a linguagem das comunidades e não apenas a dos universitários. Tem-se necessidade de uma museologia popular, que possa dar conta não apenas dos museus identificados como tais, mas também e talvez sobretudo o conjunto de processos saídos da museologia comunitária, e indo até o desenvolvimento local , à educação popular. A formação teria por objeto a **capacitação**, um neologismo inspirado do espanhol e do português, diferente da qualificação que faz referência aos diplomas universitários e /ou profissionais que se dirigem a futuros museólogos clássicos.”*

A EXPOSIÇÃO:

“Os museus comunitários não têm os meios nem, sobretudo, o desejo de recorrer a esses métodos que parecem manipular o público. Eles se dirigem às mesmas pessoas que os criaram e que supervisionaram a sua instalação.

É preciso então fazer a exposição voltar à simplicidade de suas origens : o objeto fala, ou questiona , ou intriga, é portador de uma massa de informações que cada um descreverá à sua moda, com ou sem a ajuda de um mediador. Talvez seja mesmo preciso, na linha certa dos princípios do trabalho comunitário, questionar o conceito de exposição, como o discurso de objetos colocados numa certa ordem e num espaço arranjado para esse fim. Quando o patrimônio do museu comunitário é repartido sobre todo o território e até nas casas dos habitantes ou nos lugares de produção, não é sempre possível nem desejável retirar os elementos de seu lugar para recolocá-los num ambiente estéril que se chamaria de sala de exposição.”

2. Pesquisa, Preservação e Comunicação nos museus Comunitários e Ecomuseus

“Já se reconheceram frequentemente os itinerários de observação, com ou sem instrumentos de interpretação como exposições a céu aberto ; é o mesmo para a visita de espaços de atividades sociais ou econômicas saídas do patrimônio reconhecido como tal pela comunidade. Alguns pensam mesmo que as manifestações públicas do tipo vigílias ou desfiles podem ter um caráter museográfico, evidentemente em função de suas motivações e da qualidade de sua realização : os membros da comunidade são aí autores-atores- espectadores e a ação por si mesma entra no registro do patrimônio imaterial.”

“Isso significa o reconhecimento da existência de uma verdadeira museografia do território, onde a comunidade e seus membros representam ao mesmo tempo o papel de atores e o de espectadores. Os museógrafos, no sentido habitual do termo, os cenógrafos, os cientistas não têm aí senão um lugar secundário, como assistentes da realização. É evidentemente difícil admitir isso aos profissionais qualificados dos museus, conscientes de sua missão civilizadora. E isso necessita de uma reflexão aprofundada de todos os parceiros e atores dos museus comunitários, principalmente sobre a natureza do objeto ou da coisa real, como dizia Duncan Cameron desde 1970.

Estamos bem longe da noção de coleção, de exposição de objetos possuídos ou emprestados, em função de uma pesquisa feita por especialistas. Seria isto também uma heresia ?”

A ORGANIZAÇÃO:

*“Isso significa que não existe modelo organizacional próprio do novo museu. Seus promotores devem, a cada desafio, inventar estatutos e modos de funcionamento, de recrutar “O novo museu e mais ainda o museu comunitário na sua forma mais inovadora, não segue um procedimento, mas, como já se viu, **ele é um processo**. Seu objetivo não é a instituição nem uma inauguração; ele é a co- construção , na comunidade e sobre seu território pelos membros da comunidade e as pessoas mais ou menos qualificadas que os ajudam, de um instrumento de desenvolvimento a partir de um patrimônio global identificado por seus detentores.”*

“Isso significa que não existe modelo organizacional próprio do novo museu. Seus promotores devem, a cada desafio, inventar estatutos e modos de funcionamento, de recrutamento , de financiamento, tendo em conta as condições locais, pessoas disponíveis (ou a hostilidade de outras...).”

Debate

Conclusão

3. Museus para a Inclusão Social e para a Cidadania

. Apresentação de Power Point de Molinos ou
Encontros Museológicos /CEMMAE/USP

. Apresentação de trabalho sobre o Museu da Maré

Debate

Conclusão

AGENDA DE TRABALHOS

3ª. Reunião: 25/08/2006

4. DISCUSSÃO : BASES PARA A CRIAÇÃO DE REDES TEMÁTICAS DE MUSEU

- A existência da ABREMC como entidade nacional representativa dos ecomuseus e museus comunitários (1º. passo)

CONCLUSÃO

5. AGENDA DE SUSTENTABILIDADE PARA OS PRÓXIMOS 10 ANOS

(2007/2017): Propostas

- Difusão da ABREMC no território nacional através do site e da logomarca
- Mapeamento dos museus comunitários e ecomuseus brasileiros
- Publicação de textos sobre Museologia Comunitária/Ecomuseologia nas Revistas museológicas
- Colóquio Itinerante dos Ecomuseus / Museus Comunitários (a cada 2 anos em uma região do país):

Algumas Propostas:

2007 – Pirenópolis(Centro Oeste); 2009 - Santa Maria (RS – SUL);

2011 – São Luís (MA – Nordeste); 2013 - Belém (PA – Norte); 2015 – São Paulo ou Paraná

- IV EIEMC – IV Encontro Internacional de Ecomuseus – PARATY 2008(?)
- V EIEMC – BELÉM 2012 (?) – Ecomuseu da Amazônia

- OUTRAS PROPOSTAS

- DISCUSSÃO

- CONCLUSÕES

PLENÁRIA : 26/08/2006 - Relatório dos GTs – 9:00h

HERDEIROS DO FUTURO

(Toquinho e Elifas Andreato)

A vida é uma grande amiga da gente
Nos dá tudo de graça pra viver
Sol e céu
Luz e ar
Rios e fontes
Terra e mar.

Somos os herdeiros do futuro
E pra esse futuro ser feliz
Vamos ter que cuidar
Bem desse país !

Será que no futuro haverá flores?
Será que os peixes vão estar no mar ?
Será que o arco-íris terá cores?
E os passarinhos vão poder voar?

Será que a terra vai seguir nos dando
O fruto, a folha , o caule e a raiz?
Será que a gente acaba encontrando
Um jeito bom pra gente ser feliz?

2º Fórum Nacional de Museus

O futuro se constrói hoje

Ouro Preto

22 a 26 de agosto de 2006



CONCLUSÕES DO GT

MUSEUS COMUNITÁRIOS E ECOMUSEUS

II Fórum Nacional de Museus – 22 a 26 de agosto de 2006 – Ouro Preto - MG

Grupo de Trabalho: Museus Comunitários e Ecomuseus

Os museus são instituições permanentes, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, que coletam, pesquisam, estudam, conservam, expõem e divulgam os testemunhos materiais do homem e de seu meio ambiente, com objetivos culturais, educacionais, científicos e de lazer. E mais, compreendem as instituições cujo espaço vivido é o próprio museu e a população envolvida, a âncora para o desenvolvimento de ações e processos ativos e criadores visando a apropriação coletiva do patrimônio e das coleções.

Fórum de Museus de Ouro Preto, agosto de 2006